



*Liga Independente das  
Escolas de Samba Virtuais*

# *Organograma Oficial*

*Carnaval Virtual 2016*

## Parte 1: Da Estrutura Administrativa da Agremiação

### 01. Nome Completo da Escola

G.R.E.S.V. Camarões dos Pampas

### 02. Presidente Administrativo da Escola (Nome completo não abreviado e pseudônimo)

Leandro Luiz Magalhães Thomaz (Leandro Thomaz)

### 03. Carnavalesco(a)/Comissão Carnavalesca da Escola (Nomes completos e pseudônimos)

Rayner Pereira (Rayner Pereira) e Lucas Vagner de Melo Milato (Lucas Milato)

### 04. Intérprete(s) da Escola (Nomes completos não abreviados e pseudônimos)

Leandro Thomaz

### 05. Demais Membros Internos da Escola (Nome completo não abreviado, pseudônimo e respectivo cargo na escola, se houver)

### 06. Pavilhão (Bandeira) da Escola



## Parte 2: Do Enredo a ser Apresentado

### 07. Tema-Enredo (Título do enredo e sub-títulos, se houverem)

*À Meia-Noite dos Tambores Silenciosos*

### 08. Autor(es) do Enredo

*Leandro Thomaz e Rayner Pereira*

### 09. Enredo (Direcionado aos julgadores)

GRESV CAMARÕES DOS PAMPAS 2016 "À meia-noite dos tambores silenciosos"

"O baque do maracatu estanca no ar Das lâmpadas apaga-se a luz branca no ar Na sombra donde somem cor e som, somos um Ao rés do chão, aos pés de Olorum"

Já é noite no São José Cai o orvalho de emoção Nesse chão, todos somos um Conduzidos pelo silêncio Transformados pelo Egum A luz se apaga Negro lembra sofrimento Negro faz o seu lamento No ardor da luta A dor da luta Não se apaga... Ouça o som da meia-noite O tom cortante do tambor Vibra o espírito ancestral Seja pra quem você bate o seu tambor Pra Jurema ou Xangô O rito se faz Incorpora o espírito ancestral

"Xangô, Xangô Ogum Dil, Ogum Dilê Xangô, meu Pai Dilodê Já se foi lá na Aruanda Já se foi, se vai"

Volto em vida à essa terra Incorporado ao som da meia-noite Para lembrar, no tempo do açoite Da fé de um povo em luta Do seio de minha mãe África, fui separado Embarquei num sonho Terminei escravizado Sangraram meu corpo Tentaram calar minh'alma Mas resisti Meu silêncio se fez bravura Junto à raiz e à cultura E cantou forte Em lamento aos que viram a face da morte Lutando pela vida Fizemos nosso reino A resistência contra a opressão Pedindo licença aos orixás Em noite de coroação Fizemos nosso novo Congo Salve o rei, salve a rainha! As correntes um dia se quebraram Mas a luta não acabou E atravessou gerações A tradição se perpetuou O lamento negro ecoou E o ritual virou símbolo de resistência A noite se tornou espetáculo Em dia de carnaval

"Largo do Terço Quão largo, profundo Bendito é o teu rito Que eu verso"

Nesse largo sagrado Estão as marcas da minha história O chão que carregou o sofrimento e dor Hoje é palco da paz, do encanto Bendito é o teu rito Bendito é o teu canto Todos os povos em união Vêm festejar O som da bateria Se une aos tambores ao tocar

"Xangô, Xangô Ogum Dil, Ogum Dilê Xangô, meu Pai Dilodê Já se foi lá na Aruanda Já se foi, se vai"

É dia de carnaval É dia de consagração A Camarões vai passar E levar a cultura afro em seu pavilhão E a minha dor hoje se transforma em emoção

"Em mantras, cantos brandos já ecoam no ar Em bando, pombas brancas já revoam no ar No chão, na vibração de nossas mãos, somos um Irmãos na evocação aos eguns"

#### JUSTIFICATIVA

Todos os anos, desde 1960, ocorre no Pátio do Terço, no centro do Recife (PE), a cerimônia Noite dos Tambores Silenciosos. Esse evento, importante para os Maracatus-Nação e para as religiões de matrizes africanas e indígenas (Xangô, Jurema Sagrada e Umbanda), acontece à meia-noite da segunda-feira de carnaval, quando, após as apresentações das nações dos maracatus, Pais e Mães de Santo fazem preces e entoam cantos em Iorubá, homenageando

os Eguns (ancestrais).

O enredo é inspirado na música homônima "À Meia-noite dos Tambores Silenciosos", que caracteriza e poetiza o ápice do Ritual dos Tambores Silenciosos, que é quando todas as luz do Pátio do Terço se apagam e se estabelece o silêncio, que só é interrompido pela batida dos tambores das nações de maracatu. Logo, nosso primeiro momento irá se estabelecer a partir deste ápice, à meia-noite. Os espíritos ancestrais dos negros que morreram castigados pela escravidão, os eguns, serão evocados, incorporados e tomarão a narrativa de nosso enredo, explicando desde o sofrimento na época escravocrata ao reconhecimento do Ritual em memória aos antepassados como espetáculo nos últimos setores.

1ª Setor - ABERTURA: Evocação dos ancestrais

Quando os tambores silenciarem à meia-noite da segunda-feira de Carnaval e as luzes se apagarem no Pátio do Terço, todos aqueles que morreram na luta, que fizeram parte deste triste capítulo da história da humanidade chamado escravidão, serão reverenciados neste ritual. A noite também é para festejar a cultura afro, deixada pelos nossos antepassados e que resiste ao tempo, se mantendo viva através desses encontros.

Uma voz entoia loas em louvor a Rainha dos negros, Nossa Senhora do Rosário. O silêncio é interrompido apenas pela batida intermitente dos tambores de todas as nações de maracatus, que entoam cânticos de Xangô. A marcha dos dançarinos é marcada pela batida de tambores. Estandartes trazem o nome dos maracatus e são seguidos por uma corte de reis e rainhas africanas devidamente caracterizadas. Nesse momento, o babalorixá os batuques e rege um coro de mães-de-santo que rezam com ele, e termina o culto abençoando os membros dos maracatus e o público.

2ª Setor - Cerimônia de Coroação do Congo/O Sofrimento do Negro Escravizado

Os ritos de reverência aos antepassados é um costume que os escravos trouxeram para o Brasil, como na cerimônia de Coroação do Congo, onde elegiam seus reis e rainhas, lamentavam seus mortos e pediam proteção aos Orixás. No Brasil, os negros privados de sua liberdade não podiam manifestar suas crenças e tradições. Realizavam então cortejos de lamentações às escondidas e em silêncio. Mesmo depois da abolição da escravatura, esse ritual continuou a ser realizado.

3ª Setor - Largo do Terço: Relação do lugar com o ritual e com a história que ele carrega.

O Pátio do Terço carrega a história dos antepassados negros, em cada metro quadrado do espaço. Lá funcionava um dos primeiros terreiros nagô de candomblé em Pernambuco. O lugar também era utilizado como espaço para venda de escravos, ou mesmo para enterrá-los após a morte. E muitos morreram lutando, amarrados, açoitados brutalmente pela mão dos feitores. Nesse momento, o espaço do Pátio do Terço é ressignificado, deixando de ser o espaço do comércio movimentado e do culto católico, e passa a ser o espaço do culto religioso de referências africanas, se tornando espaço sagrado para o Xangô, a Jurema e a Umbanda, se definindo como hierofania. O Pátio do Terço também passa a ser espaço de visibilidade e de atuação política por parte do movimento negro, já que ali se encontram diversas autoridades políticas e um número expressivo de pessoas para assistirem ao ritual.

4º Setor – A Epifania do Sagrado

Seja à Jurema ou Xangô, eu vou bater o meu tambor. A religiosidade é marca do espetáculo. Através da voz das crianças e no batuque dos tamborens mirins, o legado e a memória dos ancestrais são passados de geração a geração. A segunda-feira, no candomblé, é dia de homenagem às almas, dia que acontece a noite dos tambores silenciosos.

5ª Setor - O Ritual dos Tambores Silenciosos como Espetáculo e Referência Cultural para o Recife e o Brasil

Propomos um momento lúdico em nosso enredo, onde a cultura do carnaval, representado pela escola de samba virtual Camarões dos Pampas, se junta às nações de Maracatu para reverenciar a cultura afro, comum aos dois espetáculos. O último setor dá continuidade temporal ao primeiro momento, onde o ápice do ritual se inicia. O enredo então se encerra na imagem do desfile da escola de samba juntando-se ao cortejo de maracatus no Pátio do Terço, dando continuidade à festa. Os ancestrais evocados, que contaram toda a história de nossa desfile, são agora consagrados e festejados. A última alegoria representará essa união e trará a Velha Guarda da Escola, que representará os ancestrais em rito de consagração.

**10. Sinopse (Direcionada aos compositores – deixar em branco se for o mesmo texto apresentado aos julgadores)**

-x-

### **Parte 3: Do Samba-Enredo a ser Apresentado**

#### **11. Autoria do Samba-Enredo**

Claudio Mattos

#### **12. Letra do Samba-Enredo (repetições devem ser destacadas e em negrito)**

Da sombra, a luz da história vai guiar  
Espíritos e forças ancestrais  
Minha alma escravizada hoje é  
Um lamento que se faz  
Devoção no São José  
Segue o cortejo ao véu do luar  
Pra louvar a virgem santa e o meu orixá  
Traz na lembrança o sofrimento dessa gente  
Eu sou a raiz africana quebrando correntes

Ooooo Agô oooooo

Amarras jamais vão calar a minha fé  
A realeza africana é coroada  
Fazendo reverência em procissão  
À quem honrou a cor da pele sagrada  
À quem conquistou liberdade  
À quem honrou a cor da pele sagrada

Vou empunhar o estandarte  
Da nação que faz da arte, resistência cultural  
E no baque do maracatu  
Tambores silenciam o ritual  
No Largo do Terço  
Onde venci a dor  
Hoje agradeço  
Na voz de cada irmão  
De sangue ou coração  
Na avenida canto em oração

É meia-noite, sinta a batucada  
Linda união nessa madrugada  
Seja à Jurema ou Xangô  
Eu vou bater meu tambor  
Eu vou bater o meu tambor

#### **13. Defesa do Samba (Se a escola julgar necessário)**

-X-

## Parte 4: Do Desfile da Agremiação

**14. Número de elementos de desfile (Número de alas; de carros alegóricos; de tripés e quadripés, incluindo os utilizados pela comissão de frente, se houver; de casais de mestre-sala e porta-bandeira; de destaques de chão e afins, se houver)**

20 alas, 5 alegorias, 1 casal

**15. Organização dos elementos de desfile (a setorização é obrigatória; alas obrigatórias devem ser devidamente discriminadas)**

### Setor 1

Comissão de Frente – O Espírito Ancestral

Ala 01 – Lamento Negro

Ala 02 (Bateria) – O Baque do Maracatu

Ala 03 – O Estandarte

Ala 04 – Amarras Jamais vão Calar a minha Fé

1º Casal de MS e PB – Realeza Africana

Carro 1 – À Meia-Noite dos Tambores Silenciosos

### Setor 2

Ala 05 – Rei Negro

Ala 06 – Lágrimas de Nossa Senhora

Ala 07 (Baianas) – Louvação à Virgem do Rosário

Carro 2 – Cerimônia de Coroação dos Reis do Congo

### Setor 3

Ala 08 – Maurício de Nassau: a Recife Barroca

Ala 09 – Venda de Escravos

Ala 10 – Terreiro Nagô

Ala 11 – Onde Venci a Dor, Hoje Agradeço

Carro 3 – Largo do Terço, Quão Largo Profundo

### Setor 4

Ala 12 (Crianças) – Tambores Mirins

Ala 13 – Segunda-Feira – Homenagem às Almas

Ala 14 – A morte que volta à Terra

Ala 15 – Oyá

Carro 4 – A Epifania do Sagrado

### Setor 5

Ala 16 – Maxixe

Ala 17 – Capoeira

Ala 18 – Jongô

Ala 19 – Maculelê

Ala 20 – O Samba se une ao Maracatu

Carro 5 – Celebração

## Descrição dos Elementos de Desfile (em ordem de apresentação)

**01: Comissão de Frente – O Espírito Ancestral**

*A Noite dos Tambores Silenciosos acontece com o objetivo de louvar os espíritos ancestrais dos negros que sofreram e morreram lutando contra a opressão do homem branco na época da escravidão.*

*É noite de festival, o relógio já bate meia-noite. Os tambores tocam e evocam o espírito ancestral, que vem à Terra para contar seu sofrimento e agradecer aos que hoje lembram de sua luta num grande festejo. “Da sombra, a luz da história vai guiar / Espíritos e forças ancestrais.”*

**02: Ala 01 – O Espírito Ancestral**

*“Por anos e anos, fui mão-de-obra escrava, moeda de troca, mera mercadoria. Das minhas costas, jorravam rios de sangue. Nas minhas veias, ainda ouço o grito dos cafezais. Meus dias eram todos noite, todos escuridão. Inconformado, fui o anseio por liberdade, e por meu ideal caro paguei. O homem branco tentou me calar com suas máquinas e artilharias, mas a minha voz negra ecoou de geração em geração. Em minha memória, meus irmãos hoje lamentam em cânticos e versos por todo o meu sofrimento.” “Minha alma escravizada hoje é / Um lamento que se faz / Devoção no São José”*

*No início do ritual, o sociólogo Paulo Viana lê em voz alta o poema Lamento Negro causando grande comoção nos presentes devido à mensagem pesada que a obra carrega.*

**03: Ala 02 – O Baque do Maracatu**

*O baque do maracatu irrompe o silêncio que antes tomava o pátio do terço. A marcha dos dançarinos é marcada pelo toque dos tambores. As mãos que outrora acorrentadas agora encontram no couro do tambor um batuque de liberdade, a guiar a procissão e o festejo. O tambor é considerado o principal instrumento da orquestra dos xangôs e tem uma função mágica nas religiões africanas. Sua sonoridade envolvente tem um poder hipnótico sobre adoradores de Orixás representando um elo mágico entre as criaturas humanas e as divindades, espécie de meio de comunicação entre o mundo material e o mundo espiritual dos Orixás.*

**04: Ala 03 – O Estandarte**

*“Seguindo o som dos tambores, meus irmãos levantam o estandarte que trazem o nome das nações de Maracatu, carregando a importância da exaltação à cultura afro.”*

*Na noite dos tambores silenciosos, existe uma ala onde os participantes da manifestação empunham com orgulho os estandartes das nações de Maracatu.*

**05: Ala 04 – Amarras jamais vão calar a minha fé**

*A audácia do homem branco em tentar calar a minha fé não foi maior que a luz que brilha dentro de cada negro, num elo de comunicação entre o Deus do homem branco com nossos orixás.*

*A ideia da Ala 04 é representar esta mescla de elementos entre o cristianismo e as religiões africanas, carnavalizada como um símbolo de resistência à opressão do homem branco, representada pelo título, que é bem explicativo, “Amarras jamais vão calar a minha fé.” Na fantasia, os elementos de cada cultura podem ser representados de maneira dual ou complementar, desde que*



estes sejam percebidos em suas particularidades. Elementos ligados à resistência (amarras desatadas, correntes quebradas) darão o toque final e o sentido principal à ala.

**06: 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira – Realeza Africana**

*“Após os estandartes, em seguida saudamos os reis africanos, coroados, adornados, representados pelo nosso casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira.*

**08: Ala 05 – Rei Negro**

*A origem da cerimônia está relacionada às festas em honra dos Reis Magos que foram instituídas no Brasil pelos missionários catequistas, que encontraram aqui nações distintas que caracterizavam aquelas figuras da história do Nascimento de Jesus. Verificou-se que havia um ponto para a conversão dos elementos indígenas e negros à fé cristã: o Rei Bronzeado para os caboclos, o Rei Negro para os negros e o Rei Branco como elemento de adoração dos portugueses.*

*A ala representa a figura de Baltazar, o Rei Negro dentre os três reis magos, e a força de sua imagem para o povo negro. A fantasia é inspirada nas vestes e nas representações de Baltazar, mas ao mesmo tempo possui elementos sutis que remetem ao rei como o símbolo que, nesta época, foi na cerimônia para o povo negro.*

**09: Ala 06 – Lágrimas de Nossa Senhora**

A partir do fim do período colonial, as irmandades do Rosário passam a ser constituídas pelos "homens pretos". No Brasil, ela foi adotada por senhores e escravos, sendo que no caso dos negros ela tinha o objetivo de aliviar-lhes os sofrimentos infligidos pelos brancos. Os escravos recolhiam as sementes de um capim, cujas contas são grossas, denominadas "lágrimas de Nossa Senhora", e montavam terços para rezar.

**10: Ala 07 (Baianas) – Louvação à Virgem do Rosário**

*Conta-se que em um local da Costa Africana, a imagem da Nossa Senhora do Rosário teria aparecido nas águas do mar. Os homens brancos teriam se impressionado e feito homenagens para vê-la sair das águas, mas não obtiveram nenhum sucesso. Foi quando então, pediram ajuda aos negros, que ao tocarem e dançarem, comoveram a santa, que veio para a praia. A partir daí, ficou sendo conhecida como padroeira dos negros, santa que é cultuada na manifestação.*

**11: Carro 2 – Cerimônia de Coroação dos Reis do Congo**

*A cerimônia católica de coroação do Rei e Rainha do Congo acontecia no dia de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. O maracatu era então designado como Nação, visto que a escolha dos reis era feita de acordo com as diferentes etnias africanas que foram trazidas para o Brasil.*

**12: Ala 08 – Maurício de Nassau: a Recife Barroca**

*Durante a presença holandesa no Recife, o conde Maurício de Nassau, desejando atribuir uma cor moderna à cidade, ordenou, no local onde se encontra o Pátio do Terço, a abertura de canais, a drenagem de terras alagadas, o levantamento de trincheiras com fossos e estacadas, entre outros. A fantasia destaca a influência barroca na arquitetura do local.*

**13: Ala 09 - Venda de Escravos**

*O Pátio do Terço, lugar onde acontece esse grande festival, na época era utilizado como venda de escravos. Onde hoje sou lembrado e festejado, outrora fui utilizado como moeda de troca para satisfazer a ganância do homem branco. Onde hoje há festejo, ontem houve opressão e dor.*

**14: Ala 10 – Terreiro Nagô**

*O Pátio do Terço abrigou a primeira casa Nagô do Recife – a casa de Badia. A fantasia carrega elementos que remetam à religião do candomblé da Nação Nagô e ao mesmo tempo elementos que lembram a arquitetura do terreiro.*

**15: Ala 11 – Onde Venci a Dor, Hoje Agradeço**

*A louvação aos eguns perdurou por anos sem qualquer título oficial, sendo somente uma manifestação entre os negros, até que nos anos 60, um sociólogo chamado Paulo Vianna tornou a simples manifestação no grande espetáculo que é hoje, A Noite dos Tambores Silenciosos. Onde houve dor, agora há devoção, gratidão aos que bravamente lutaram e resistiram. Onde venci a dor, hoje agradeço.*

**16: Ala 12 – Tambores Mirins (Crianças)**

*Aos tambores mirins se confia a perpetuação do movimento e da cultura afro brasileira. Apesar de dividir opiniões quanto à carga religiosa do ritual ser representada por crianças, o desfile dos tambores mirins, que começa três horas antes da manifestação principal, é a certeza da continuação do movimento geração a geração.*

**17: Ala 13 – Homenagem às Almas**

*Segunda-feira no Candomblé é o dia destinado à homenagem às almas, e sendo assim, a louvação aos eguns, almas que tanto sofreram, acontece na segunda-feira de Carnaval.*

**18: Ala 14 – A morte que volta à Terra**

*O egun é a morte que volta à terra em forma espiritual e visível aos olhos dos vivos. Ele "nasce" através de ritos que sua comunidade elabora e pelas mãos dos Ojé (sacerdotes) munidos de um instrumento invocatório, um bastão chamado ixã, que, quando tocado na terra por três vezes e acompanhado de palavras e gestos rituais, faz com que a "morte se torne vida", e o Egungumancestral individualizado está de novo "vivo".*

**19: Ala 15 - Oyá**

*O único orixá que possui uma relação direta com os eguns é Oyá, por ser considerada a guardiã do mundo dos mortos. É um dos poucos orixás que são cultuados na noite dos tambores silenciosos.*

**20: Carro 4 – A Epifania do Sagrado**

*O quarto carro representa a religiosidade para os participantes da noite dos tambores silenciosos. Além do culto aos eguns, algumas nações também saudavam alguns poucos orixás.*

**21: Ala 16 - Maxixe**

*O maxixe foi o primeiro tipo de dança urbana surgida no Brasil. Era dançado em locais que não atendiam a moral e aos bons costumes da época, como em forrós, gafieiras da cidade nova e nos cabarés da Lapa, no Rio de Janeiro. Por volta de 1875, estendendo-se mais tarde aos clubes carnavalescos e aos palcos dos teatros de revista. Os homens de classes mais privilegiadas frequentavam esses bailes e gafieiras, em busca da sensualidade das danças africanas.*

**22: Ala 17 - Capoeira**

*Ao chegarem ao Brasil, os africanos perceberam a necessidade de desenvolver formas de proteção contra a violência e repressão dos colonizadores brasileiros. Eram constantemente alvos de práticas violentas e castigos dos senhores de engenho. Quando fugiam das fazendas, eram perseguidos pelos capitães-do-mato, que tinham uma maneira de captura muito violenta.*

**23: Ala 18 - Jongo**

*O jongo foi trazido para o Brasil por negros bantos, sequestrados para serem vendidos como escravos nos antigos reinos de Ndongo e do Kongo, região compreendida hoje por boa parte do território da República de Angola. Composto por música e dança características, animadas por poetas que se desafiam por meio da improvisação, ali, no momento, com cantigas ou pontos enigmáticos, o jongo tem, provavelmente, como uma de suas origens (pelo menos no que diz respeito à estrutura dos pontos cantados) o tradicional jogo de adivinhação angolano denominado jinongonongo.*

**24: Ala 19 - Maculelê**

*O Maculelê é uma manifestação cultural oriunda cidade de Santo Amaro da Purificação – Bahia, berço também da Capoeira. É uma expressão teatral que conta através da dança e de cânticos, a lenda de um jovem guerreiro, que sozinho conseguiu defender sua tribo de outra tribo rival usando apenas dois pedaços de pau, tornando-se o herói da tribo*

**25: Ala 20 – O Samba se Une ao Maracatu**

*Por fim, exaltamos o nosso samba, que chegou ao Rio de Janeiro no começo do século XX, através dos escravos libertos que ganharam as periferias. Foi lá que a dança entrou*

*em contato e incorporou outros gêneros musicais tocados na cidade, adquirindo um caráter totalmente singular, que se tornou a identidade do povo brasileiro e ganhou proporção mundial. Desta forma, ainda que existissem diversas formas regionais de samba em outras partes do país, o samba carioca urbano saiu da categoria local para ser alçado à condição de símbolo da identidade nacional brasileira. Em outra passagem lúdica, o samba se encontra com o Maracatu nesta noite gloriosa.*

**26: Carro 5 - Celebração**

*O último carro da Camarões dos Pampas celebra a resistência da cultura afro em nosso Brasil. A Camarões sobe o Largo do Terço com seus componentes para festejar junto às nações de maracatu mais uma noite dos Tambores Silenciosos.*

**27:**

**28:**

**29:**

**30:**

**31:**

**32:**

**33:**

**34:**

**35:**

**36:**

**37:**

38:

39:

40:

41:

42:

43:

44:

45:

46:

47:

48:

49:

50:



## *Parte 5: Parte Especial para a Equipe de Transmissão*

**16. Nome Completo da Escola**

**17. Presidente Administrativo da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)**

**18. Carnavalesco(a)/Comissão Carnavalesca da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)**

**19. Intérprete(s) da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual)**

**20. Demais Membros Internos da Escola (Apenas na forma que usa no Carnaval Virtual e respectivo cargo na escola, se houver)**

**21. Autores do Samba-Enredo da Escola**

**22. Data de Fundação da Escola**

**23. Cores da Escola**

**24. Símbolo da Escola**

**25. Texto de Apresentação da Escola (máximo de 05 linhas)**

**26. Tema-Enredo (Título do enredo e sub-títulos, se houverem)**

**26. Autor(es) do Enredo**

**27. Breve Resumo do Enredo (máximo de 10 linhas)**

**28. Número de elementos de desfile (Número de alas; de carros alegóricos; de tripés e quadripés, incluindo os utilizados pela comissão de frente, se houver; de casais de mestre-sala e porta-bandeira; de destaques de chão e afins, se houver)**

**29. Organização dos elementos de desfile (De forma completa é opcional, a escola pode optar por colocar apenas os elementos que acha necessário que sejam descritos, com isso os demais terão apenas o tipo do elemento e o nome lidos pela equipe de transmissão). Colocar o tipo do elemento, o nome do elemento e uma breve descrição de uma linha (sem contar o tipo e o nome do elemento) do elemento que deseja que seja descrito na transmissão. Utilizar Times New Roman 10 com espaçamento 1,5.**

## *Parte 6: Das Considerações Finais*

**30. Considerações finais que a agremiação considere pertinentes (evite fazer pedidos ou declarações desnecessárias)**

*Logotipo do Enredo:*